

A Casa do Silêncio

EXPOSIÇÃO
Pena de Morte: da Justiça Punitiva à Justiça Corretiva
25 de março | 19 de setembro 2015

Nota Histórica

A construção da Cadeia Penitenciária de Lisboa principiou em 1873, na sequência da Reforma Penal e de Prisões de 1867, que determinava a criação de três cadeias penitenciárias em Portugal.

A de Lisboa teria 500 celas para condenados do sexo masculino, ficando então situada nos arredores da cidade. Os primeiros presos do actual Estabelecimento Prisional de Lisboa chegaram em 1885.

A estrutura, concebida de acordo com as teorias mais visionárias da época para o alojamento e vigilância de populações reclusas, segue o sistema panóptico radial. A planta não é circular, mas sim em estrela, sendo esta constituída por seis alas de quatro pisos, voltadas para um corredor central que permite a vigilância de cada ala.

Os restantes edifícios do perímetro são de construção posterior.

Exteriormente, o conjunto oitocentista exhibe uma gramática decorativa neo-medievalista, com ameias, vãos ogivais e sucessão de torreões, simbolicamente adequada à sua função, mas curiosamente desfasada em relação à modernidade das concepções que serviram o projecto.

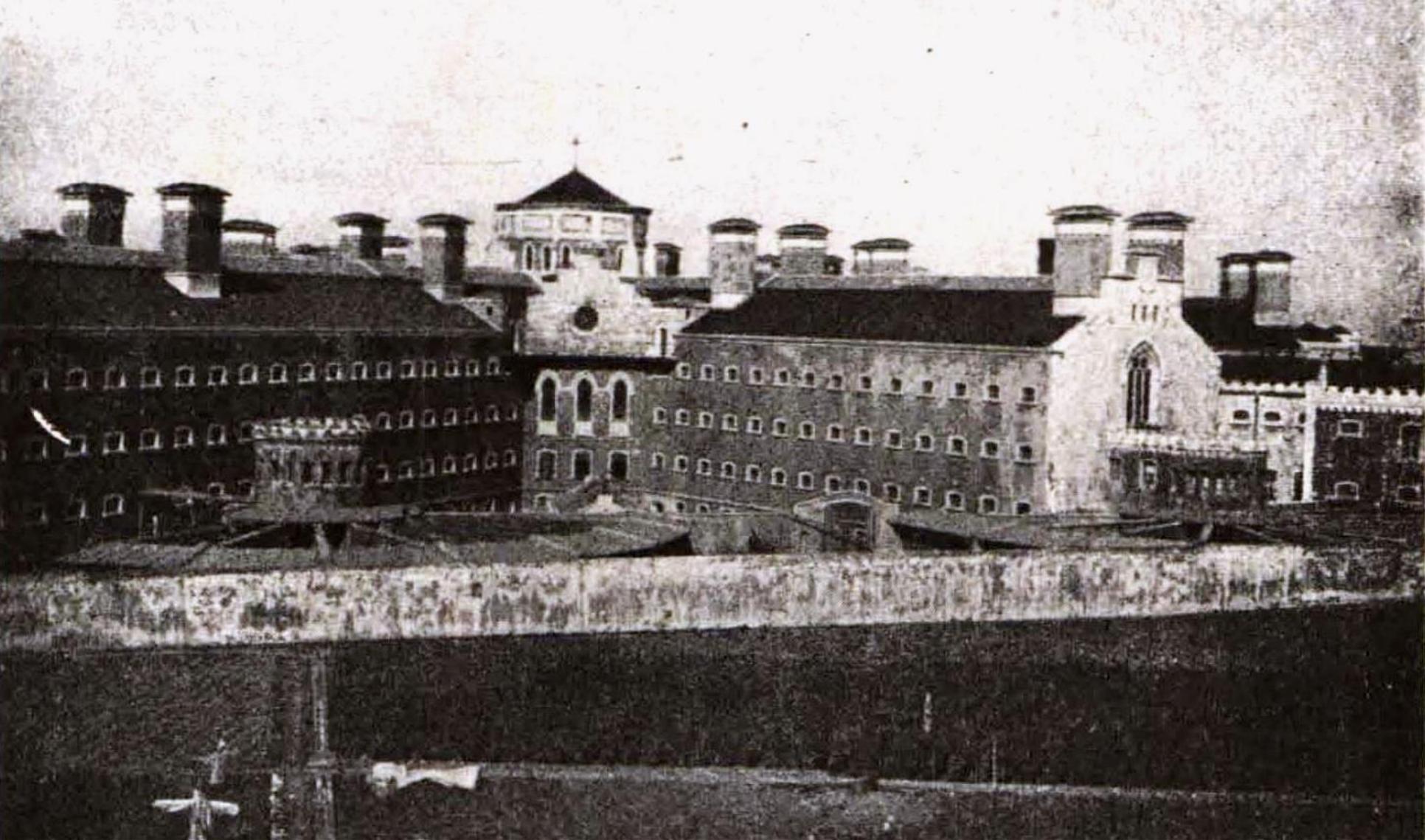
A ENTRADA NA PENITENCIÁRIA

“Quando a carroça
cellular, pesada e
sinistra, depois d’um
rápido galgar estrondoso
pelas ruas, para nas
manhãs diante da
fachada grave e muda da
Penitenciária [...]

os condenados
apeiam, entram no
portão de ferro que logo
se fecha n’um rude
saccão [...].

Começa desde esse
momento a vida da
prisão”.





[...] Cá fora continua grave e lavada a frontaria com os seus torreões, ficam os altos muros tríplices [...].

Setores da penitenciária
vistos exteriormente

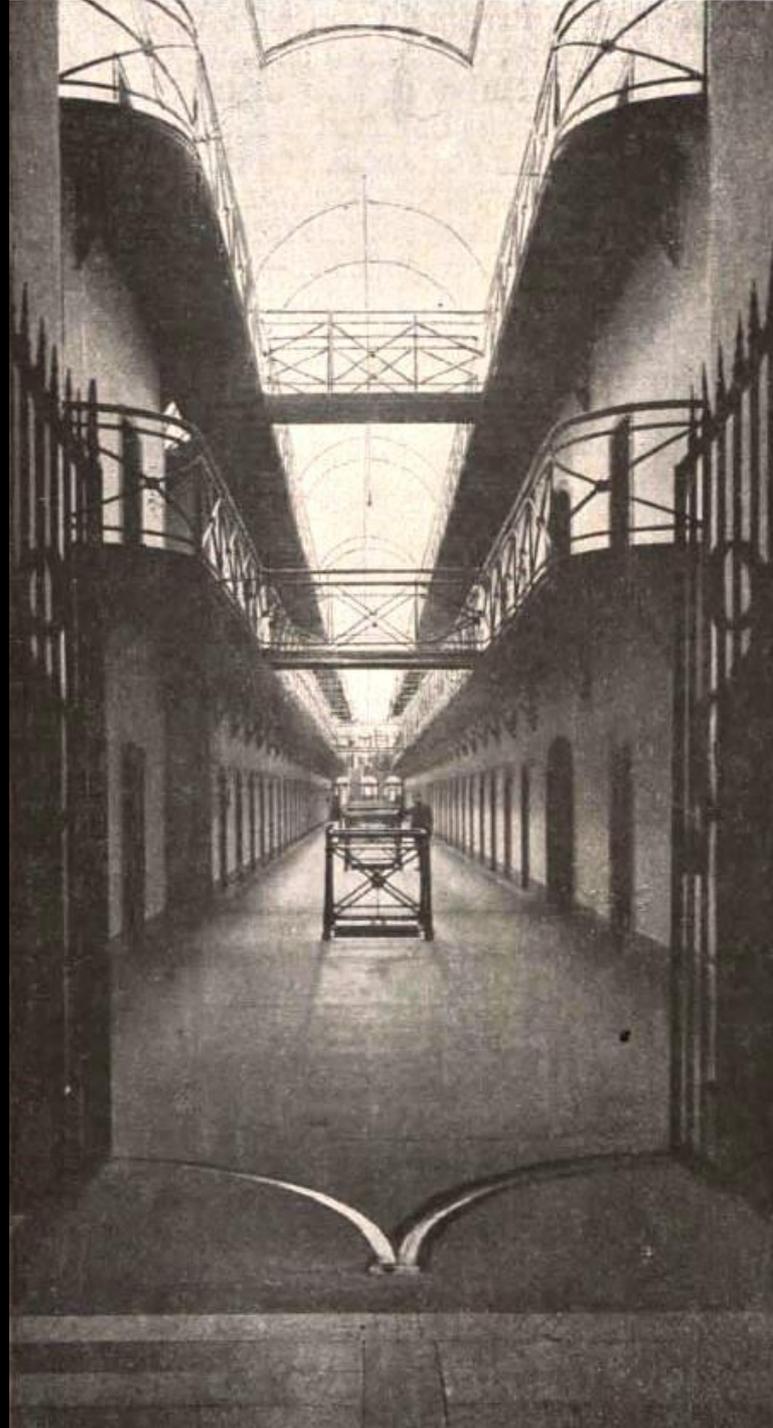
Alas da Prisão

“[...] Lá dentro é o corredor comprido [...].

Ao fim d'esse espaço de muitos metros enegrecem as grades fortes e confusas das alas que vão despejar no observatório central, [...] de cujo centro os guardas podem vigiar com uma simples reviravolta de cabeça o movimento dos três pavimentos nos quais se enjaulam quatrocentos e sessenta condenados.

É a entrada da Casa do Silêncio.

Não se ouve ali o mais leve sussurro de vozes [...].”



A RONDA

“[...] Pela noite [...] sôa o passo lento da ronda, á luz vaga do gaz a meia força, e que vae parar ás portas a erguer a tampa do oculo por onde se espreita para o interior da cella onde o homem revolve sempre as suas idéas e o guarda espiona a acção da clausura para anotar tudo, os passeios agitados na casa, os gestos raivosos, as furias rijas e os monólogos loucos [...].”



As máscaras brancas

“[...] trajos de penitenciários – de brim amarelo se é no tempo dos calores, de briche forte se calham a entrar no inverno – trazendo ao peito o numero em metal, a chancela do seu estado, e encarapuçados na mascara clara, que os disfarça e que só deixa vêr os olhos e um leve rasgado da bôcca”.

“[...] Os nomes perdem-nos ali;

em troca recebem um numero para manchar o peito da fardeta penitenciária [...]”.









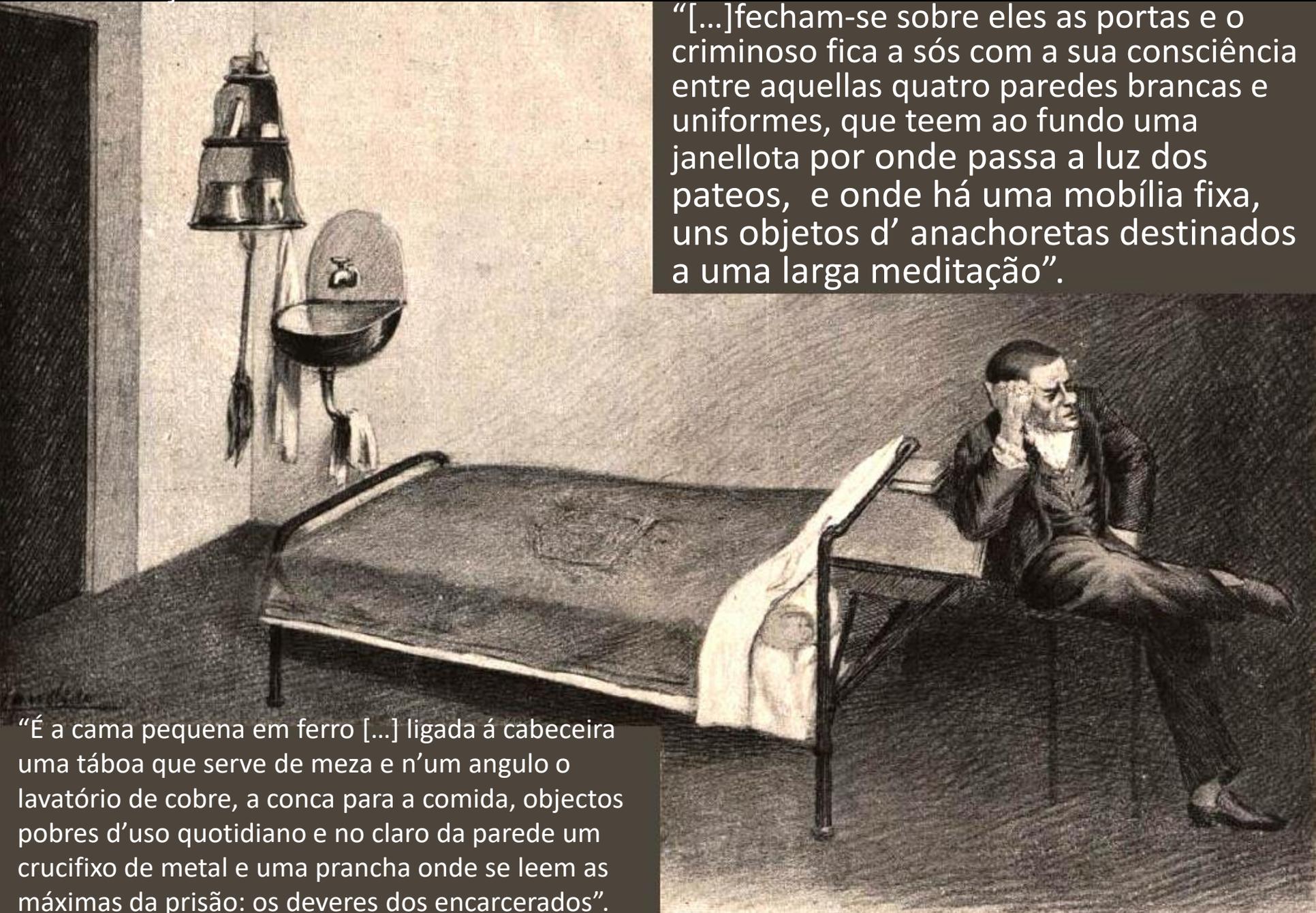


“[...] sem terem a menor comunicação, excepto nos dias de visitas e ainda assim falando através do parlatório, os condenados são obrigados a isolar-se no seu crime, a revolvê-lo, a meditar-o, n’ aquella solidão [...]”.

Meditação

“[...]fecham-se sobre eles as portas e o criminoso fica a sós com a sua consciência entre aquellas quatro paredes brancas e uniformes, que teem ao fundo uma janellota por onde passa a luz dos pateos, e onde há uma mobília fixa, uns objetos d’ anachoretas destinados a uma larga meditação”.

“É a cama pequena em ferro [...] ligada á cabeceira uma táboa que serve de meza e n’um angulo o lavatório de cobre, a conca para a comida, objectos pobres d’uso quotidiano e no claro da parede um crucifixo de metal e uma prancha onde se leem as máximas da prisão: os deveres dos encarcerados”.

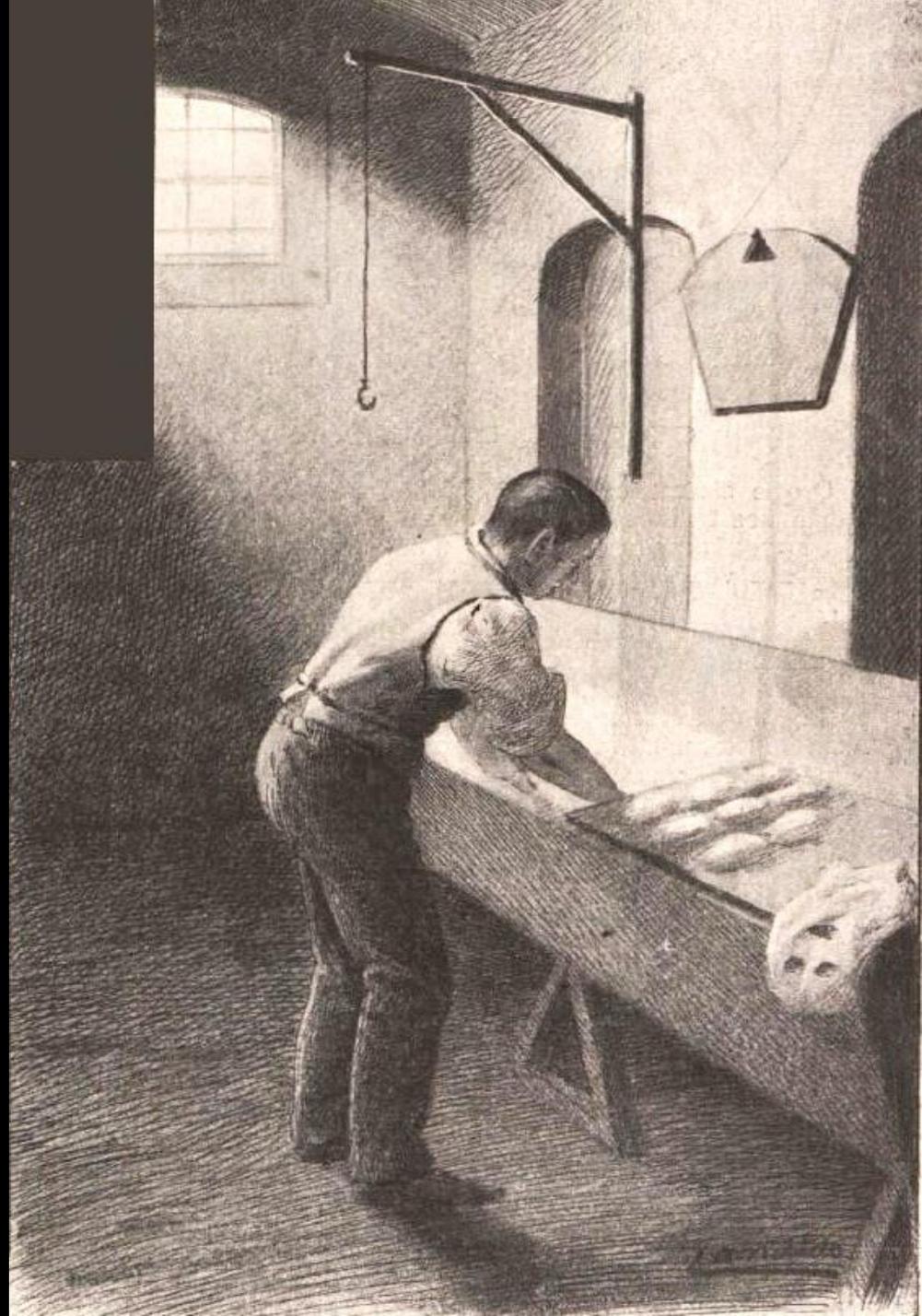


AS OFFICINAS

“[...] Nas aulas ouvem o professor e não lhe respondem, [...] e os offícios apprendem-nos também no mesmo isolamento, no pavimento inferior onde de tantos quartos fechados sae um rumorejar de labor que é sinistro.”

Há ali officinas de todos os géneros;

os sapateiros, os encadernadores, os alfaiates, os escoveiros, trabalham nas cellas onde dormem; [...]“

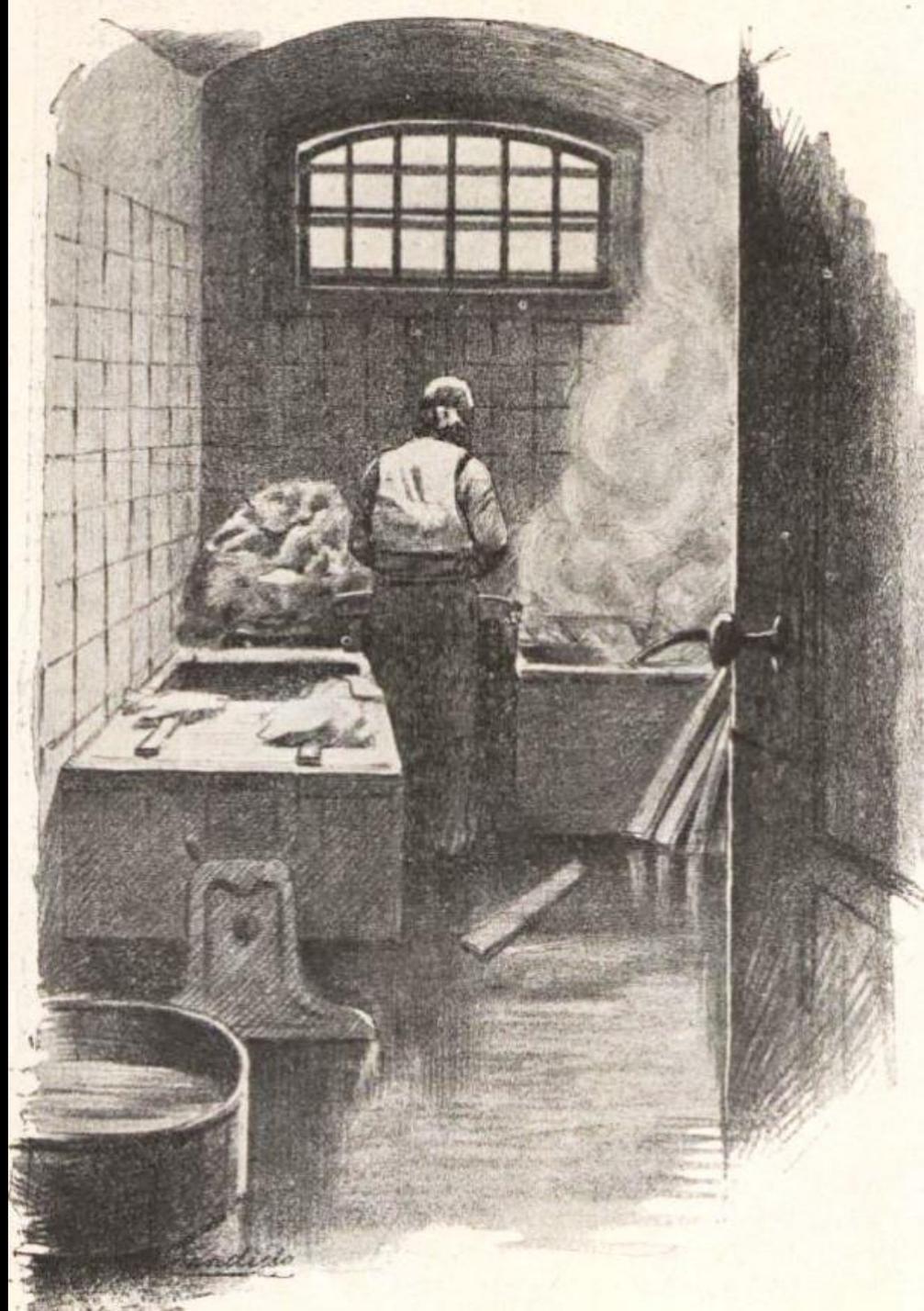


AS OFFICINAS

“[...] os outros que teem misteres de maior movimento ficam no pavimento inferior durante o dia.”

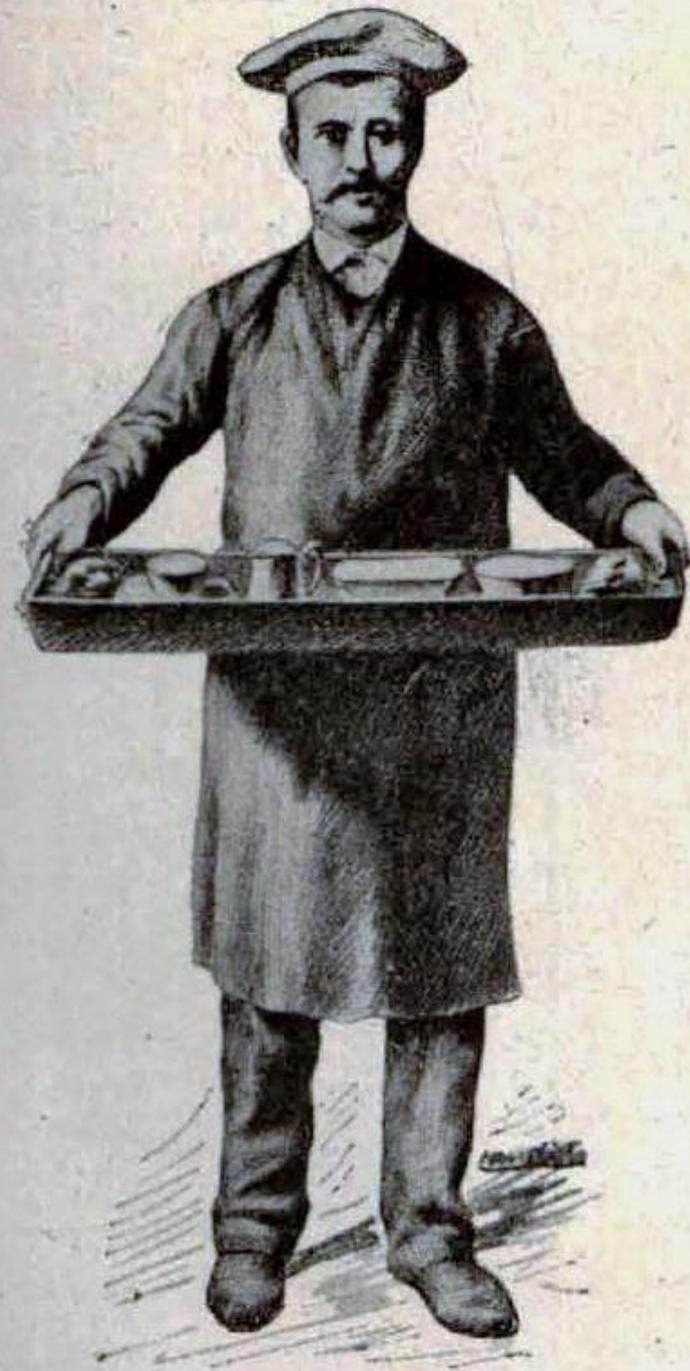
“[...] o trabalho que executam no seu mutismo, dentro das cellas, bem aferrolhados, lidando horas e horas, tendo um salario que a administração divide em quatro partes:

uma para o preso, outra para a família necessitada, outra para a parte lesada – o que raramente se dá – e a outra para o Estado.”



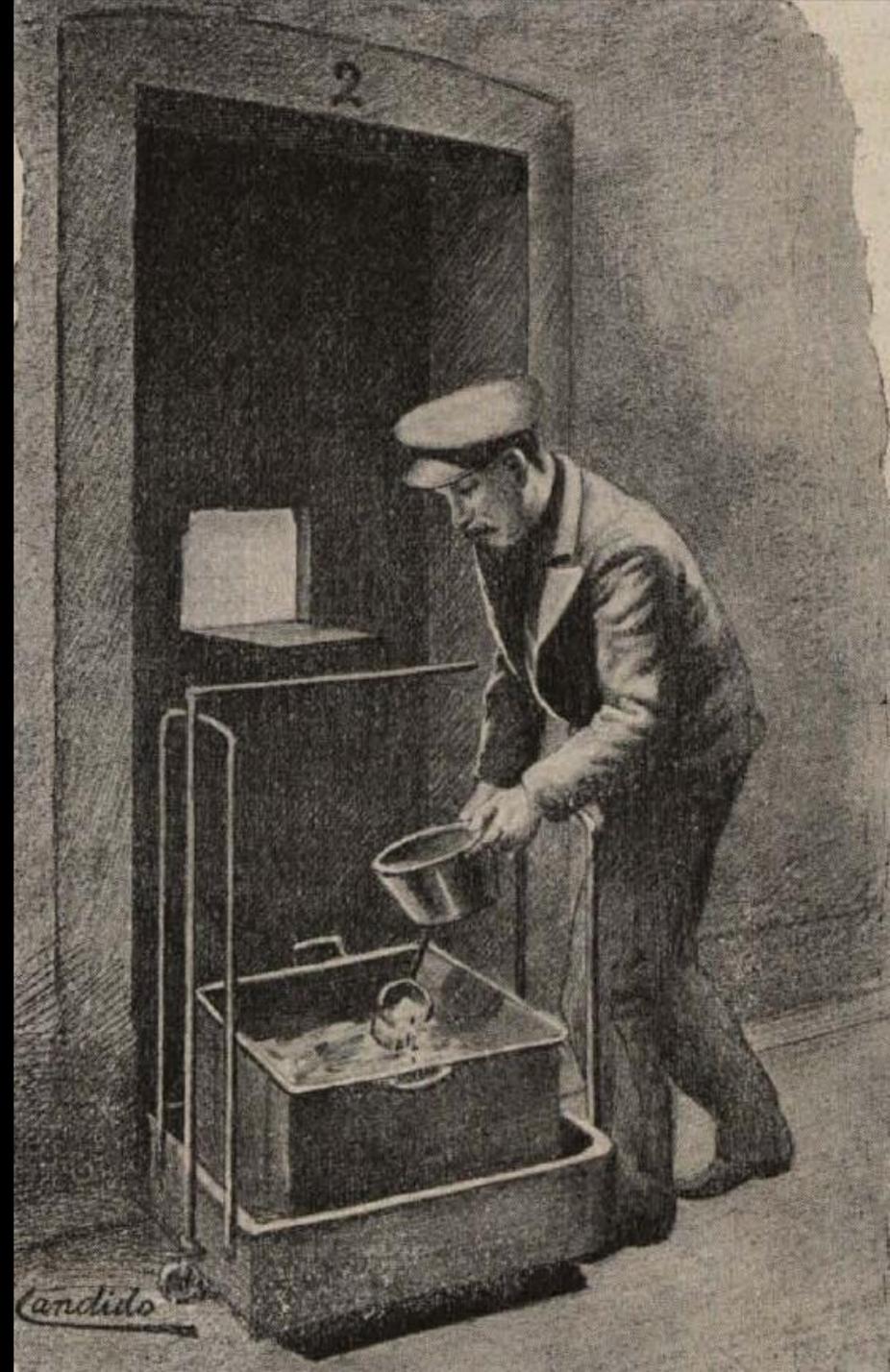
DISTRIBUIÇÃO DO RANCHO

“Tres vezes ao dia, n’este tempo ás 7 da manhã, depois ás 11 e de tarde ás 6 e meia, abre-se o postigo da cella, elle coloca sobre uma prancha móvel – o próprio postigo que se horisontalisa – a sua tigela de ferro cinzelado que o servente enche de comida [...]”



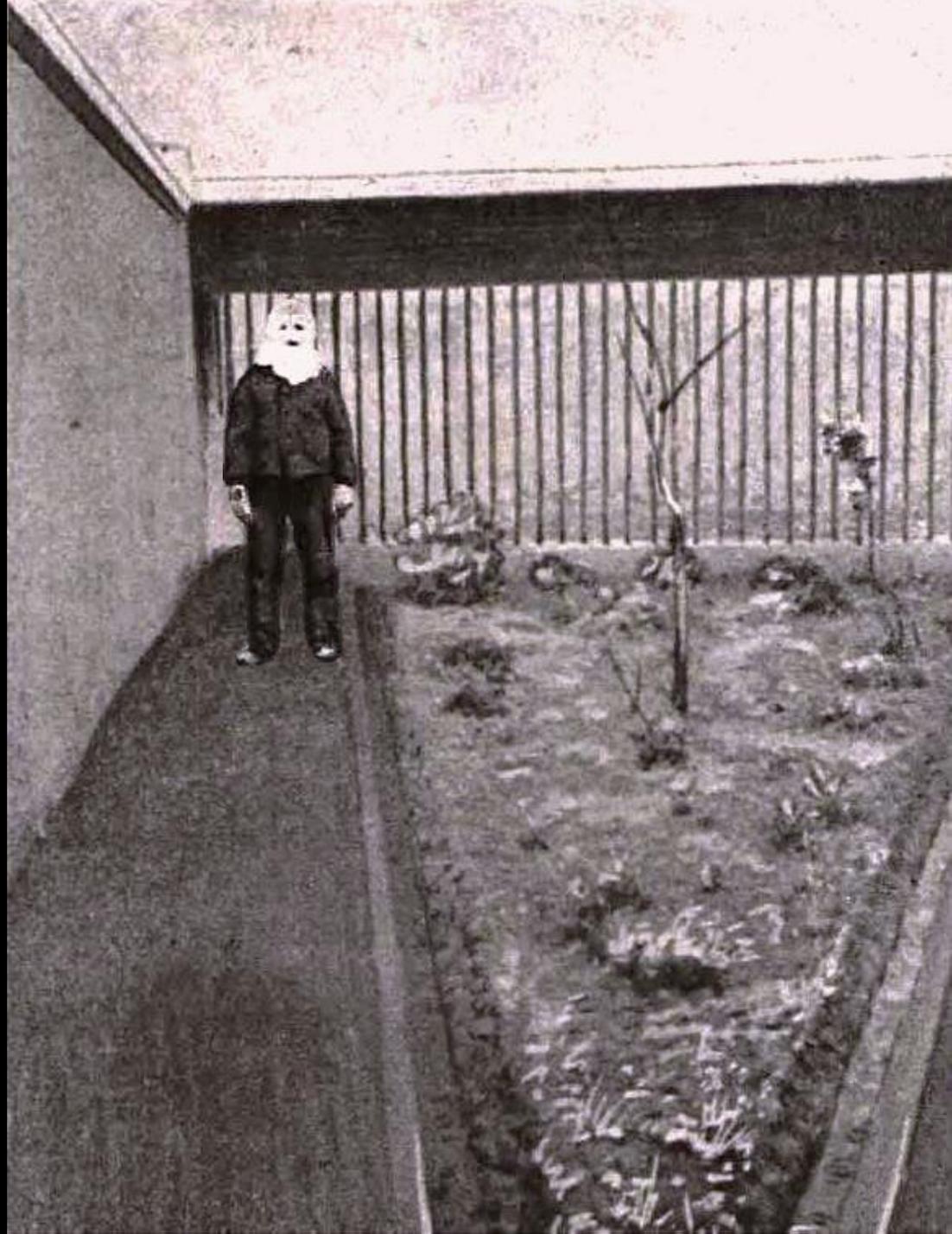
DISTRIBUIÇÃO DO RANCHO

“Tres vezes ao dia, n’este tempo ás 7 da manhã, depois ás 11 e de tarde ás 6 e meia, abre-se o postigo da cella, elle coloca sobre uma prancha móvel – o próprio postigo que se horisontalisa – a sua tigela de ferro cinzelado que o servente enche de comida [...]”



A HORA DO PASSEIO

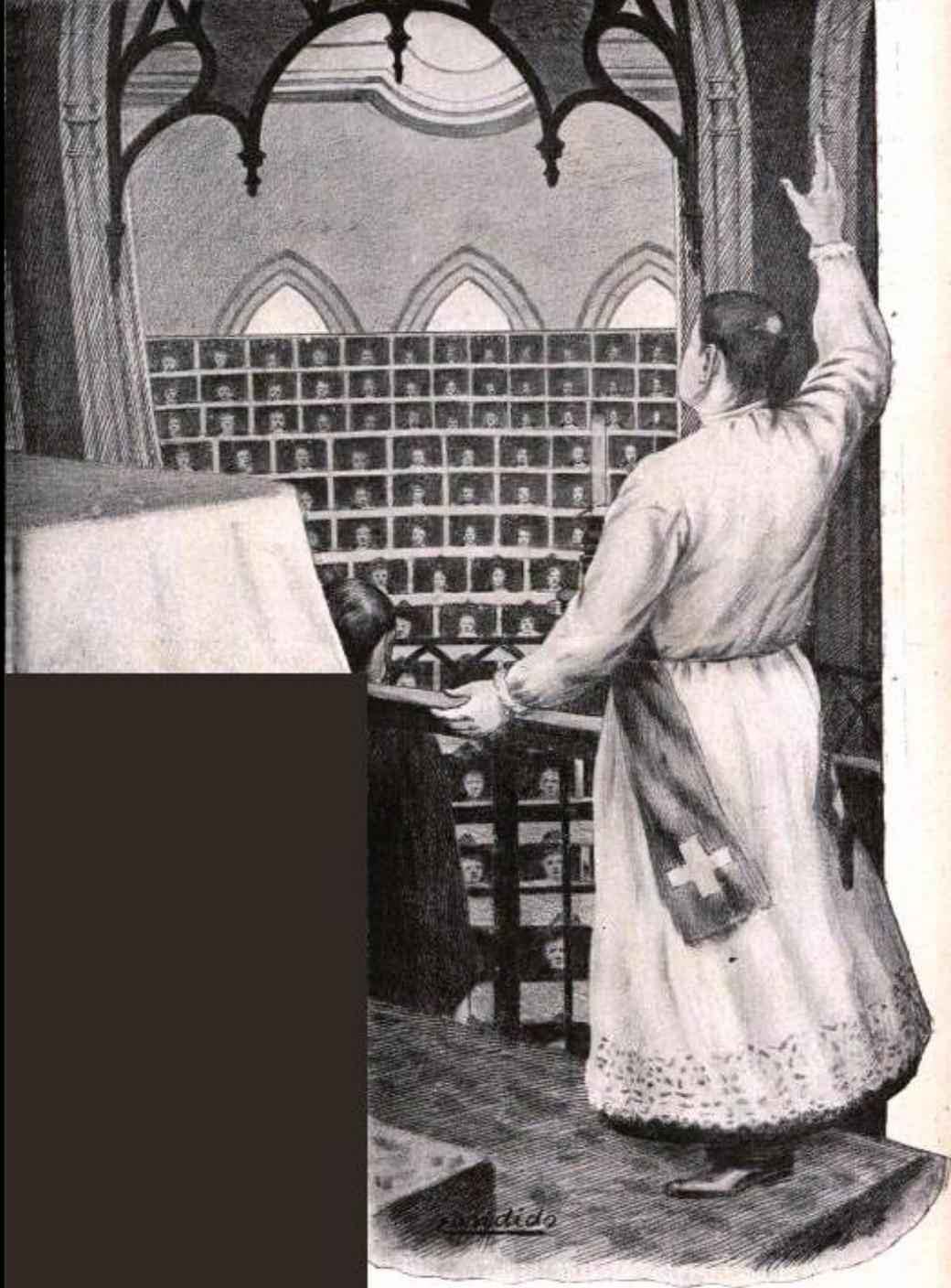
“[...] O seu único gozo é o passeio d’ huma hora por dia nos sectores em pequenos talhões isolados, sempre vigiados de um observatório pelos guardas. Ali podem tirar as carapuças; muros altos separam-nos, o mesmo silêncio reina [...]”.



UMA MISSA NA PENITENCIÁRIA

“[...]Nos domingos [...] lá dentro da Casa do Silêncio tilinta a sineta a quebrar a paz gelada das alas e a chamar os presos para a pratica moral e para os offícios divinos.

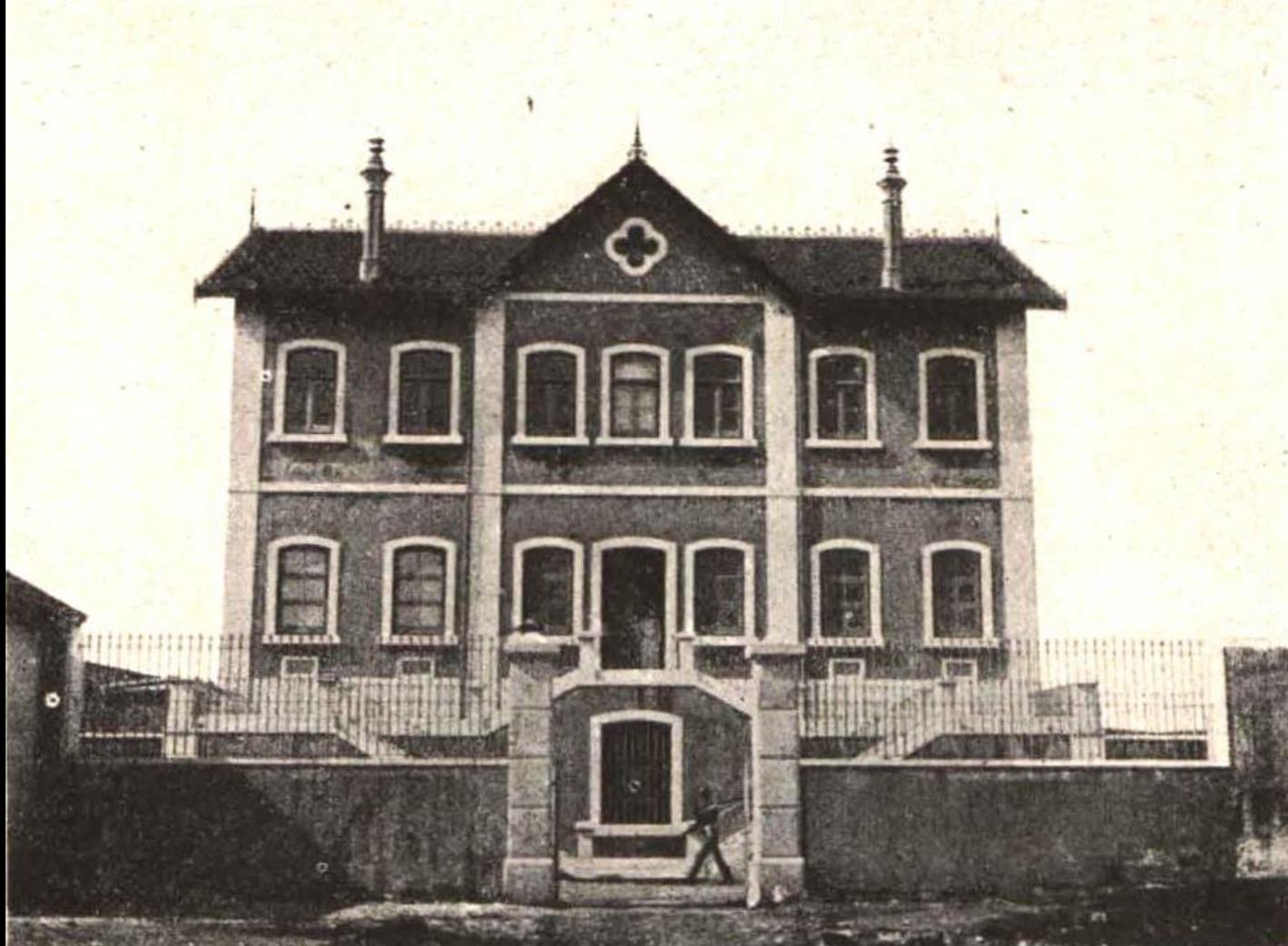
Já a meio da capella no amphitheatro enorme onde as alas conduzem, está o sacerdote revestido. [...] O amphitheatro rodeado de cellas sempre isoladas, como alvéolos d’um favo colossal [...]. E d’ aquelles casulos surgem lado a lado, mas sem se verem, os homens com as suas máscaras brancas que lhes dão o ar de mortos, de rostos carcomidos a espreitar.”



A DOENÇA

“[...] traz-se da Penitenciária a impressão de que esse regímen mal póde regenerar e muito contribue para o desarranjo mental e para o enfraquecimento do recluso.

“[...] entrou com elle a tuberculose – a doença da casa, como a loucura, é a enfermidade que ali se desenvolve mais [...]”.



EXPOSIÇÃO

Pena de Morte: da Justiça Punitiva à Justiça Corretiva

25 de março | 19 de setembro

PRODUÇÃO

Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas

CONCEÇÃO

Divisão de Sistemas de Informação Estatística e Qualidade

DIGITALIZAÇÃO DE IMAGENS

Divisão de Digitalização e Disponibilização de Conteúdos Digitais

TEXTOS

MARTINS, Rocha, in *A Casa do silêncio. Impressão de uma demorada visita á Penitenciária*, “Ilustração Portuguesa”, nº 6, 1906, p. 180- 187.

CONTACTOS

<http://dglab.gov.pt/>

[dsieq @ dglab.gov.pt](mailto:dsieq@dglab.gov.pt)

Tel.: 21 003 71 81